

Fernando Gasparini

Estamos dando sequência aos “Encontros com compositores cariocas”, esse é um projeto que a gente venceu o edital de fomento da prefeitura. O nosso objetivo aqui é uma maneira de celebrar os 450 anos do Rio de Janeiro mostrando o que o Rio de Janeiro é conhecido pelo mundo inteiro através das “águas de março”, através das músicas do Tom Jobim, do Luiz Gonzaga, do Samba. A nossa ideia foi de quem são essas pessoas que fazem essas músicas que o mundo inteiro canta? A ideia foi valorizar o compositor, uma maneira de trazer o compositor, aproximar o compositor do público e eu acho que essa oficina, esse nosso bate-papo é o nosso carro-chefe para que vocês conheçam um pouco mais da trajetória de cada artista, que muitas vezes, o artista, o intérprete, que fez a música normalmente é muito mais conhecido do que o compositor. Nossa ideia foi dar essa visibilidade para o compositor.

Eu sou Fernando e estou na coordenação desse projeto, que tem a curadoria do Edu Krieger que está chegando para fazer a mediação com o Luiz Carlinhos, mas a gente já vai começando porque o tempo urge. Sem mais delongas queria perguntar para o Luiz Carlinhos a mesma pergunta que a gente sempre faz para começar a história, porque as pessoas quando são criadas em uma família são preparadas para ser engenheiro, para ser advogado, para ser médico e de repente parece um lá que fala que quer ser compositor. Como é que foi isso? Como é que aconteceu esse estarte na sua vida, quando você viu que não tinha mais jeito e tinha que seguir esse caminho?

Luis Carlinhos

Foi quando eu arrumei uma namorada. Um amor. Eu fiz a primeira música para ela chamada “Amor Jovem”. Na verdade, quando eu entrei na música foi muito espontâneo, eu sou filho de quatro irmãos, eu sou a rapa da panela, eu sou o filho caçula e fui meio que deixado de lado pelos meus irmãos.

Fernando

Você tinha quantos anos?

Luis

Nessa época eu tinha uns 12 anos. Lá em casa era assim: eu não ganhava nada, eu só ganhava sobra das coisas. O último filho, minha cama era o beliche de baixo e quando os outros desciam pisavam em mim, os tênis e roupas eram todas usadas deles para mim e o violão foi o melhor presente, que eu peguei de um dos meus irmãos.

Eu comecei a estudar violão com Paulinho, um professor de rock estritamente dentro daquele estereótipo bacana de calça de couro, anéis e brincos. Eu comecei a tocar o violão, aprender as baladas, as letras de rock com a geração nacional dos anos 1980. Bem mais para frente eu comecei a me sentir mais seguro nas violadas, nas rodas de violão nas praias, eu pegava e pego onda até hoje, então eu sempre viajei com o meu violão para todos os lugares e eu comecei a ver que conduzia pessoas nessas rodas de violão eu tinha uma vocação para comunicar, para atrair as pessoas e foi quando eu fui parar em uma banda de reggae. Lá eu comecei a sentir essa necessidade da composição dentro do grupo. Ai começou a surgir um pouco desse meu sujeito, já se formava mais. Eu tinha 19 anos e eu vinha só na composição, ainda nesse discurso do reggae e neo-política.

Fernando

A gente viu aqui na semana passada duas figuras muito importantes: o Edu Krieger e o Rodrigo Maranhão, com uma formação muito marcada pelo samba, a música popular brasileira e os dois disseram aqui que o bonequinho de Playmobil deles, o herói deles era o Chico Buarque, na adolescência deles, eles queriam ser o Chico Buarque quando eles descobriram que tinham essa vocação. Eu queria te perguntar: quem era a sua inspiração ou o seu bonequinho de Playmobil? Quem você queria ser?

Luis

Bob Marley

Fernando

Quando você descobriu Bob Marley?

Luis

Eu descobri com os meus irmãos que ouviam muito reggae e como eu falei que essa cultura do surf se unia muito com a do reggae, então os meus irmãos ouviam muito Peter Tosh, Bob Marley, entre outros e ali eu comecei a ter acesso a essa música pop/reggae/jamaicana. Dentro de casa a minha mãe já mostrava para mim toda a MPB, eu ouvi com a minha mãe muito MPB. Ela adorava Ney Matogrosso, Elba Ramalho.

A minha mãe, a falecida Maria, era uma mulher toda para frente daquele tempo. Ela era psicanalista, fumava baseado, adorava as coisas esotéricas. Era uma mulher, para aquele tempo, muito mais a frente. Então ali eu já ouvia Ney Matogrosso, Elba Ramalho, o Milton que era uma entidade na época, aquela voz do Milton, se você me permite já entrar dentro das minhas influências. Essa era a minha fonte: o reggae e a MPB. Dentro do Dread Lion, quando eu entrei na banda como guitarrista e depois passei a cantar, eu comecei a levar e queria que o reggae fosse mais “MPBístico”, se eu posso falar assim, no sentido de ter mais harmonia, de ter mais o violão de nylon, de trazer um pouco mais aquelas harmonias com as dissonâncias da bossa nova, aqueles acordes com mais notas.

Enfim, a minha influência, basicamente, de composição parte daí. A música pop e também vai para a música americana o próprio Stevie Wonder que eu ouvi muito, o Lenny Kravitz eu adorava também, o Ben Harper depois é também um cara que eu gosto muito. Se for definir o meu som hoje, por exemplo, eu não sei definir, mas eu gosto assim é um MPB pop. Não aquela coisa do banquinho, que passa pela erudição, que passa pelo próprio Chico, aquela coisa mais sofisticada. Eu acho que o meu universo é por aí.

Fernando

Tem uma história famosa do Gilberto Gil quando foi apresentar o Bob Marley para o Luiz Gonzaga, e o Luiz Gonzaga falou: isso aí é um xote mal tocado, isso aí é um xotezinho safado. O xote é o reggae dialogam?

Luis

Muita coisa. Eu acho que primeiro pela coisa regional, essa coisa rústica, está muito próxima. O reggae é uma coisa sofisticada. A gente fala que é um som de galera, mas

se você vai para a Jamaica, você vê os caras que pesquisam som, timbres, tem essa coisa muito religiosa. Isso acaba o sofisticar no sentido da experiência, na experimentação, depois virou e foi para os DJs. Então, hoje em dia eu fico pensando sobre isso também, na época do dread era uma banda de reggae de galera e hoje em dia eu faço um reggae, talvez, um pouco mais agudo, talvez, pelo discurso, mas eu tenho a maior saudade do reggae de galera também.

Fernando

O reggae também foi para vários caminhos. Aqui no Brasil Caetano e Gil foram pessoas importantes, talvez as primeiras sonoridades do reggae, principalmente, o Gil. Você concorda?

Luis

Concordo. O Gil gravou um disco maravilhoso o "Extra", aquele disco maravilhoso que tinha aqueles reggaes maravilhosos e bem diferentes, e também um pouco antes o "Realce" que já tinha umas pegadas do reggae. O reggae já era música pop e todo esse movimento do reggae roots fica meio em um circuito meio marginalizado, quando o Dread Lions acabou eu também queria realçar um voo para um lugar menos segmentado. É difícil esse lance do segmento porque ao mesmo tempo você tem que está numa gaveta. O mercado te coloca em uma gaveta.

Fernando

Como a gente coloca aqui. Até na semana passada o rapaz levantou essa questão "música carioca", mas a música carioca é uma música mundial também. A música vem como substantivo, mas tem o carioca, tem o regional, tem o reggae e são tudo, na verdade, adjetivações para a gente se encaixar numa gaveta para a gente poder ser visto, mas a gente sabe que o seu som transcende da gaveta de qualquer rótulo.

Luis

Transcende mesmo porque a gente acaba unindo todo esse ecletismo em um som pela nossa postura, pela poética das letras, os arranjos, a formação. Esses caras como Gil, Caetano, eu fico pensando que eles são de outro tempo em que não existia esse nicho, porque agora estamos em um mercado de nichos. Eu penso um pouco isso: a cultura de massas que constrói esses nichos, segmentos. Ao mesmo tempo você tem que segmentar o teu som dentro daquele seu nicho e é muito cruel você segmentar o seu som, mas ao mesmo tempo é importante você criar uma poiesis do teu trabalho. Eu tenho pensado muito sobre isso também: como se consegue fechar alguma coisa sem se podar.

Eu fui a um show do Ben Harper, ótimo o show dele, porque ele transita pelo soul, pelo funk, pelo reggae, com uma postura rock e tudo unido pelo espiritual. Uma coisa quase religiosa a voz dele maravilhosa, toda a negritude dele que sempre trás alguma coisa sempre muito mística. Então eu fico pensando alguém fez uma música maravilhosa, eu vi o show e falei que queria essa bateca para mim. De estar ali recebendo a energia de várias idades, mas isso tudo com a sua postura e eu quero conseguir encontrar esse lugar.

Fernando

O reggae tem um público fiel, não é um estilo que está saindo nos jornais, nas capas das revistas, mas ele se mantém com uma fidelidade de público muito grande.

Luis

Se mantém. Há pouco tempo teria uma gravação de um DVD do Natiruts e eu soube que um monte de gente do reggae iria participar e eu fiquei louco para saber quem iria participar. A resposta foi um pouco cruel tem muita gente já e tem muita gente em atividade para participar dele.

Fernando

Isso quer dizer que o que você faz não é reggae

Luis

É isso. Então o que eu faço? Não sei. Eu sou do reggae também. Minha música talvez tenha o reggae mais famoso "Oh, Chuva", que não é reggae é forró. Outro dia eu vi uma banda do Equador tocando no telhado, com pena de índio, uma flauta e eu falei: porra! Isso parecia música folclórica. Eu falei: pronto eu morri. Eu estou morto.

Eu falei: tem que estar na atividade, naquele segmento, quer dizer o cara é o próprio segmento. Eu não estou criticando, eu estou analisando como um fenômeno. Então o mercado tem dessas coisas e como é que a gente lida com isso, com essa criatividade, com a nossa vontade de ser inserido e ao mesmo tempo transitar. Eu estou aqui com o Edu Krieger e o Rodrigo Maranhão que transitam por todos os universos.

Fernando

Falando um pouco mais do reggae, antes da gente ir para outros assuntos, o reggae como você já colocou tem uma ligação muito forte com a espiritualidade. O Bob Marley tem muitos seguidores, tem muitos admiradores que são da religião rastafári, que é de um judaísmo negro, veio da Etiópia e tem uma história muito interessante que a gente acha que um dread look é um maconheiro, no bem da verdade, ele faz até um uso sagrado da maconha, inclusive, nem é utilizado esse termo se chama "erva de Santa Maria" e é uma coisa que vai variando de acordo com as igrejas. Eu queria que você falasse um pouco desse seu processo de composição. Tem a ver também com a espiritualidade, com a sua espiritualidade particular? Daí também você poderia falar um pouco mais do seu processo e de como você compõe as letras.

Luis

Meu processo de composição é aquele que a gente fica tentando achar, pescar, como se as coisas já estivessem em um lugar, em uma nuvem e você tivesse que trazer elas para a materialização. Eu tenho isso para a melodia. Tem um cara que falou isso que quando você escolhe a melodia, quantas você não escolheu. Então, é claro que é místico, que é espiritual, que é uma coisa um pouco indecifrável, mas ao mesmo tempo, eu sou um cara racional pra caramba, eu sou um cara muito do corpo, muito físico e quando eu estou compondo, eu tento trazer isso para a matéria, mas eu não preciso fumar uma erva, estar em um estado alterado, eu preciso estar presente para o que está acontecendo ou presente no processo interior, muito enclausurado. Ou você acha que essas canções maravilhosas que o Zé Ramalho fez, esses lapsos de

loucura dele, tudo que ele criava nesse estado psicodélico, eu fico pensando que o meu caminho de composição, por exemplo, quando eu era mais moleque, quando eu compus “Oh, chuva” de forma muito espontânea, eu não me censurava e isso é muito bom. Hoje em dia eu me censuro um pouco e quando eu me censuro eu não escuto mais o meu espírito, a minha energia, a minha verdade. Aqui tem muita energia também, o ser que mais me toca é criança porque ela não está com um programa, não tem padrões enraizados da cultura e da sociedade.

Hoje em dia, quando eu componho eu fico pensando mais, o que vai encaixar, se vão gostar e isso é perigoso também, até porque o meu maior sucesso eu fiz a 20 anos, depois eu fiz também, claro, que “Oh, chuva” teve uma oportunidade, eu fui gravado pelo Falamansa que vendeu um milhão de cópias, foi gravado por Geraldo Azevedo, Barão Vermelho, a Ivete cantou em um show e foi sensacional.

Porque eu falei isso? O meu processo de composição hoje, eu estou sempre tentando trazer essa coisa espontânea, mas ao mesmo tempo pensando um pouco na formação do texto, nos letristas que estão comigo, eu me considero hoje em dia, às vezes, até mais espontaneamente um melodista. Tem as questões do texto, mas as vezes eu sou mais criterioso e eu gosto de chegar naquele lugar. Eu penso assim nesse deslocamento da obra sabe essa coisa do eu faço a melodia, com um pouco mais de uma pegada de violão que sugere alguma coisa, eu tenho um trecho de letra que eu encaixo e eu gravo aquilo, ai eu me distancio de mim mesmo e eu ouço e começo a dar sentido a tudo aquilo, porque é muito perigoso, pois pode ser uma merda e você não está sentindo aquilo. Sabe aquela coisa de você gravar e ouvir de fora? Você vai tomar banho e coloca para ver se é bom e você começa a viciar naquilo que é bom. Então, tem essa coisa de se deslocar da própria criação, de sair e ver.

Eu gosto, por exemplo, de letrar textos, eu já fiz músicas como a “Me Cura”, essa música por exemplo eu fiz para um grupo de teatro, que era um texto do Luiz Ferreira com quem eu estava trabalhando e acabou o curso, acabou o espetáculo, acabou o projeto e eu falei: poxa! Eu vou ficar fechado naquele momento? Eu vou ter que levar isso para outro lugar e eu tive com Alvinho Lancellotti, que é um letrista de mão cheia, e eu falei: foca na melodia e ele me deu as construções que casaram com a música, que criaram o sentido.

O universo do surf, ele também está nesse lugar que as ideias se fecham e depois vem outro lugar que se abre e se fecha de novo. Uma canção, por exemplo, como as canções do Marcelo Camelo que vão e não voltam. São estilos.

Fernando

É uma referência para você?

Luis

É uma referência muito interessante para mim, o Camelo, o próprio Edu Krieger. O lance é encontrar o que é seu e como é que você pode ampliar dentro do seu próprio universo e também se ampliar e tocar em ritmos diferentes, mas é acreditar.

Fernando

Você sentiu uma necessidade nesse processo de se tornar um compositor, de se aprimorar musicalmente, de estudar o instrumento.

Luis

Sim. Quando eu comecei a cantar, eu não cantava nada e eu comecei a estudar canto. Quando eu fui para um show com o Dread Lion, em 1993, até marquei meu começo de carreira ali e eu falo até que eu fui cruel comigo mesmo. Foi ali que eu tive a percepção, eram três mil pessoas no campo, tinha o Gabriel O Pensador, tinha o Dread Lion tocando guitarra e foi ali que eu comecei a minha carreira e eu só tocava guitarra, eu não cantava nada, mas depois eu comecei a estudar, eu fui fazer aulas de canto com Raul Serrador durante 13, 14 anos, na verdade o canto a gente nunca recebe aulas, o canto é manutenção depois de um tempo, é criação, é músicas novas, pegar repertório, é muito show.

Fernando

A própria resistência vocal que você ganha.

Luis

Isso, é musculatura, como você se cuida. Eu comecei a estudar harmonia no Ian Guest. Eu nunca me esqueço o Ian Guest é um arranjador fenomenal, ele trabalhou com Tom Jobim e trabalhou com muita gente, ele é o maior mestre de muita gente. Quando eu cantei "Oh, chuva", lá no sarau da escola, ele falou: que música boa, essa música. Ele me falou isso, eu fico até arrepiado. Uma música boba daquele jeito ele falou que sabia que aquela coisa ia dar certo.

Agora mesmo eu voltei para a escola, eu voltei a fazer harmonia, percepção e violão, lá no Ian, eu sempre volto lá. Eu acho que o estudo é muito importante e ao mesmo tempo eu acho que o mais interessante é como você aplica esse estudo, essa inteligência. Muitas vezes eu nem sei se sou um dos mais inteligentes nesse sentido, mas eu aplico como eu posso. Eu sou um cara interessado, eu gosto de muita coisa. Agora eu fiz um curso de leitura de aura.

Fernando

O que é isso de leitura de aura?

Luis

O curso de aura a gente lê o campo espiritual da pessoa, o campo energético dela, em camadas ou por chakras e você tem uma técnica em que você fica frente a frente com essa pessoa ou de qualquer distância, porque na realidade o espírito não tem nem tem e nem espaço. É muito interessante, então você lê essas camadas dessa energia ou chakras, lê as vidas passadas. O espírito da gente e uma camada energética e é o nosso consciente e inconsciente ao mesmo tempo é como se você está sentindo um monte de coisa, está pensando um monte de coisa sobre a sua vida, lembranças estão aí e as vezes você consegue pegar elas. Então se eu te ler eu vou trazer para cá. Tem uma técnica para isso, por exemplo, quando você dorme você está tendo acesso ao seu inconsciente ao seu espírito.

Fernando

Os sonhos são expressões do inconsciente.

Luis

Fica sem dormir. Você vai ficar louco, você vai ficar muito mal energeticamente e espiritualmente. Porque eu estava falando isso aqui mesmo?

Fernando

Você estava falando do seu processo e das coisas alheias a sua formação. Isso faz parte, com certeza, te ajuda a compor.

Luis

Ajuda a compor, claro. Ajuda a pensar a vida, a existência e fazer isso virar arte. Eu falo assim também, eu adoro a música, eu adoro o palco, mas gosto também de várias outras coisas, eu gosto de abrir o palco, eu gosto de produzir o evento, eu quero dar aula das minhas experiências, eu pensei em agora dar um curso sobre *crowdfunding*.

Fernando

Você já fez *crowdfunding*?

Luis

O meu DVD foi feito por meio de *crowdfunding* e o pessoal me ligava perguntando como é que fazia. Então pensei em dar um curso desse negócio. Não porque eu sou expert, mas é porque eu sou um artista que fez. Eu vou dar o curso pelo olhar do artista, não de quem quer para outra forma. Isso é um projeto ainda eu vou ter bolar. Então, é esse interesse em transitar por esses lugares que vem para o palco também. As vezes também pode até sacrificar porque eu não fico só no palco, não fico só fazendo shows, mas eu estou fazendo uma porrada de coisas. É uma questão de opção.

Fernando

E o compositor, ele tem que fazer muitas coisas para poder pagar as suas contas também no fim do mês. O Edu contou aqui que o grande incentivo dele para compor é a conta que está chegando no final do mês e ele tem essa coisa, ele colocou de uma maneira muito natural essa coisa de fazer música por encomenda. Eu gostaria de saber como é isso para você.

Luis

Eu já fiz também sobre encomenda, umas coisas para o Gabriel. A pouco tempo o Gabriel falou que queria uma música sobre “paz”, eu não componho com tanta facilidade como esses caras, o Edu é fascinante, é um cronista, é um cara que faz a revista do nosso tempo, ele sempre pega os temas legais. O gozado é que o pessoal lá na PUC, eu faço mestrado em literatura, mas pensando nas artes cênicas dentro da literatura, eu entrei em uma aula de ética e musicologia, que pensa a música no Brasil enquanto pensamento social, enquanto transformações dos autores estão no Brasil, se são uma identidade nacional, uma matéria que fala sobre isso. Então, eu falei: calma ai! Como isso é hoje? Como é hoje esse processo de criação? Quem é o Chico Buarque? Eu falei que eu sabia quem era o Edu Krieger e perguntei se eles conheciam o Edu Krieger. Um ou outro conhecia. Isso pode parecer muito louco, mas eu queria saber quem faz isso hoje. Esse hoje líquido, esse hoje esquizofrênico, que ninguém mais sabe quem é quem, que ninguém mais se relaciona, ouve uma música do cara lá,

mas não sabe quem é o Edu. Eu fico pensando: que loucura, ele é um monstro. Quando eu vou lá na TV Brasil e encontro você na televisão com ele, eu me sinto também um monstro porque eu estou com ele. Eu me sinto foda porque é meu parceiro é um cara do meu tempo. Eu cheguei e tive essa percepção esses dias e fiquei emocionado. O João Cavalcante, o Gabriel Moura, o Seu Jorge essa é minha galera! Essa é a minha turma. Só que a gente se compara muito. Isso aqui é psicologia total.

Vocês estão entendendo? Isso aqui é humano. Para mim a arte é um lugar que em que está a implicação do sujeito com o objeto. Só que sem física. Lógico que você tem que criar um personagem.

Fernando

É curioso que a gente sempre se remete a Chico, Caetano, Gil. Acho que já são referências basilares para todos nós músicos e ouvintes e para essas pessoas, o Caetano com 25 anos já era conhecido nacionalmente, o Chico Buarque com 30 anos já era um músico excepcional e todos eles vinham com uma estrutura de gravadora. Hoje, a nova geração que é a sua geração, a geração do Edu, enfim, a mesma geração que está se consolidando, mas nenhum de vocês conseguiu, no contexto histórico que é diferente, não há nenhum compositor pode ser tão bom quanto ou melhor que alcançasse essa projeção nacional como esses caras conseguiram, porque eles tinham uma estrutura de gravadora, uma estrutura de comunicação que hoje é diferente. Eu queria que você comentasse isso. Essa questão do reconhecimento. Você acha que com a queda das gravadoras foi um prejuízo para o compositor ou pelo outro lado criou oportunidades também de você ter um público mais direto?

Luis

Eu acho que a nossa revolução agora é essa revolução da tecnologia. Todo mundo tem acesso as suas ferramentas, muito mais democrático, todo mundo tem o seu microfone na mão, é muito mais perigoso.

Fernando

Eu não preciso de uma gravadora para gravar o meu disco.

Luis

Não precisa. Esses caras fizeram coisas geniais. As vezes eu vejo o Gil lá em Londres e o cara tinha vinte e poucos anos e fazia aquelas coisas, mas pensa bem. Eu estou pensando, eu estou tendo essa percepção agora, do que ele fez anos atrás, olha como também que para o cara se tornar um clássico tem uma vivência, tem um tempo ai. As coisas não nascem, as coisas não são, elas se tornam. "Oh, chuva" quem disse que era um hit?

Fernando

Ela foi lançada em 1993.

Luis

Só o Ian Guest que falou. É um profeta o Ian Guest. Mas eu acho que a gente ouvindo hoje o Gil, o Caetano, essa galera. A gente vai falar que esses caras são foda, naquela época também eram, mas talvez fossem menos. O que faz ser isso tudo? É a vivência, a

memória, é como as pessoas passaram ouvindo aquelas canções, é a lembrança, são as mostras de tempo passando, é a nostalgia. Olha quanta coisa está em jogo. Hoje em dia, a gente está nesse momento de pouco contato entre as coisas, tudo é as relações líquidas, as coisas efêmeras, essas manifestações, o que foi essas pessoas nas ruas sem uma voz em uníssono, várias vozes sem lideranças. Tudo é diferente. Eu não sei se é mais fácil, eu não sei se é melhor, eu sei o que é e a gente tem que trabalhar, criar essas igrejas, no bom sentido, essas comunidades nossas. Vocês estão aqui porque estão sendo tocados por isso.

Pergunta do Oscar (plateia)

Você estava falando do som do Chico Buarque e também tinha uma coisa além: os festivais que mostravam esse pessoal todo. Só o Caetano e Gil estão completando 50 anos de carreira agora.

Luis

A televisão com esse poder como canal único, a rádio como canal único. Todo mundo indo para ali, então não precisava buscar, você sabia onde encontrar. Hoje em dia você encontra aonde? Em todos os lugares. Festivais existem milhões.

Pergunta do Oscar (plateia)

Porque festival você tinha o Chico, Edu, Caetano, Gil, Mutantes e quando você pega esse pessoal todo. Hoje em dia nós não temos mais esses festivais

Fernando

Também havia uma audiência canalizada para aquele festival.

Pergunta do Oscar (plateia)

Curiosidade: por quê Luis Carlinhos?

Luis

Na verdade, o meu pai teve quatro filhos e quando eu nasci, eu fiquei uma semana sem nome e tinha uma plaquinha na porta do quarto com o nome de Gumercindo. Como faltou criatividade, o meu pai colocou o nome dele "Luis Carlos", mas quando o Luis Carlos que não é o Junior e não é o pai, eu virei o Luis Carlinhos. Há pouco tempo eu me questionei muito sobre o meu nome, quando eu fui lançar o DVD e eu fui em uma numeróloga e ele disse que não era bom o meu nome, que não tinha uma matemática boa, eu fiquei numa super crise, eu busquei outras pessoas, eu busquei a minha voz interna, eu fiz uma reunião com os amigos e aí eu busquei uma pessoa que mexia com horoscopo chinês e ele falou que era muito bom Luis Carlinhos. Eu comecei a pensar que tudo que eu tinha foi por causa do Luis Carlinhos e eu iria trocar por uma coisa que não tinha nenhuma marca. Você começa a pensar, afinal isso é linguagem, é filosofia, o que mora dentro do nome? O Guimarães Rosa falava que as palavras são bocas. O que mora dentro da palavra? Mora o significado, a experiência. Então o Luis Carlinhos é o que? É a experiência que eu tinha dentro dele, então eu virei e falei: eu sou o Luis Carlinhos. Tem pessoas que não me conhecem que acham curioso, engraçado. Tem gente que fala Luis Carlinhos tem uma coisa afetuosa.

Fernando

Tem uma coisa plural

Luis

O Nelson Rodrigues, autor de teatro e conhecidíssimo como um grande nome do teatro moderno, nunca saiu do bairro dele, o cara nunca pegou avião. Então, se eu sou famoso no meu bairro ou aonde for com Luis Carlinhos, isso é bom

Fernando

Essa foi a conclusão que você chegou?

Luis

Um dia na faculdade de artes cênicas, entrou um professor começou a aula e queria saber o nome de todo mundo, o nome artístico de todo mundo, era engraçado porque ele dava aula porra nenhuma, toda semana ele chegava e perguntava os nomes. Sempre quando ele pergunta o meu nome artístico eu falava: Luis Carlinhos. Ele falava que não era bom. Na semana seguinte quando ele chegou ele falou que o único nome que tinha decorado era o meu. Isso porque ele me viu e eu dei um significado para aquele nome.

Então, um nome vazio não é nada. Paralamas do Sucesso o que que é? Ele se tornou. Eu fico todo arrepiado, porque eu estou falando para vocês uma coisa que é determinante. Os nomes são determinantes. O que é Edu Krieger? Não seria nada se eu não soubesse o que ele já fez, o que é para mim, o que representa.

Pergunta da plateia

Você está pensando em fazer uma música sobre esses seus pensamentos? Só de você falando eu já imaginei

Luis

Dá uma música bicho. Está gravando isso? Eu falei coisas boas. Agora é engraçado isso eu nunca fiz uma música sobre esse tema específico, mas uma vez eu fui no Jô Soares e estava muito frio, eu estava muito cabeludo e coloquei uma tiara, um cachecol por causa do frio e foi engraçado porque eu estava apertado no banco. Eu sentei de perna cruzadas, cachecol e uma tiara. Eu passei uma imagem de como se eu fosse afeminado, realmente eu passei uma imagem como se eu fosse um rapaz gay, naquele tempo isso era uma coisa, isso tem uns 10 anos, eu tinha uns 28 anos e morava com o meu pai ainda. No dia seguinte o meu pai me acordou e disse: filho, eu preciso conversar com você. Ele falou que um amigo dele tinha visto o programa e falou que ele também tinha visto e ambos tinham me achado com um jeito afeminado. Eu fiz uma música sobre isso, mas depois eu vi e realmente, eu passei essa imagem.

A minha irmã, ela gosta de mulher, foi um choque isso lá em casa há 25 anos atrás, minha mãe abriu a porta e encontrou minha irmã com uma outra mulher, minha mãe ficou mexida com aquilo, minha mãe achava que era culpa dela. Minha irmã saiu e foi morar em Londres, mas com o tempo tudo foi assimilado e outro dia, deve ter um ano, meu pai estava no telefone e falou: mulher é bom demais, até a minha gosta. O que eu estava falando?

Pergunta da plateia

Você falou um pouco dessa questão da produção, dos nichos disso tudo e tem um outro lado que eu acho também, que é o do ouvinte. Eu acho que a questão do ouvinte mudou muito, até a questão da ritmização mudou muito, mais para trás, eu nem peguei isso, mas você pegava o disco você parava para ouvir, depois o CD tinha uma coisa e hoje tem essa velocidade que muitos adolescentes que só gostam de pedaços de músicas, que eu acho muito doido. Eu queria saber se na hora de compor você pensa nesse tipo de música, que até de certa forma as pessoas ouvem distraidamente ou se você faz a música pensando no público que vai parar para ouvir aquilo mesmo, que é uma coisa rara hoje, eu queria saber se você compõe para esse nicho ou se você busca esse público amplo também?

Luis

Eu penso um pouco nisso na hora de compor, eu acho que a hora que eu mais pensaria nisso e na hora de escolher o repertório para fazer um álbum e do arranjo. A minha música é música pop, não precisa de ter uma forma, um tamanho. Claro, as vezes tem uma interpretação e o disco muda, quando tem mais novidades, mas texturas, mas minha música tem o foco na canção que se fecha. Então, na hora de compor eu não penso nisso, mas tem que ter a esperteza de ver que tem músicas que são mais diretas, como “chuva” um tema muito universal. Chove e o pessoal já remete a música, tem que fazer agora uma música para o sol, porque está sempre sol, tem que criar uma, botar esse tema.

Eu tenho uma música maravilhosa, que tem um mote maravilhoso e eu toquei em uma roda e o pessoal falou que a música era boa. Eu falei essa música é boa, então eu posso ter a esperteza para criar uma canção por aqui e na hora se eu fizer por aqui a música vai ser sucesso. Outras são um pouco mais sofisticadas, mas agora essa coisa do público, se não tem tempo então não vende. É cruel isso, uma vez eu falei numa entrevista: eu não quero um cara para me dar um clique, esse cara não me interessa. Eu sei que vou sofrer, porque o tempo é do clique, mas eu sou do corpo, eu sou da experiência.

Fernando

A gente já está chegando ao final, o tempo passou incrivelmente rápido. Eu queria convidar aqui o nosso curador do projeto Edu Krieger para dar uma palavrinha. O responsável por Edu Carlinhos estar aqui.

Edu Krieger

É um prazer ter o Luis Carlinhos com a gente, eu fico muito tranquilo porque tenho como coordenador da produção um grande jornalista que é o Fernando Gasparini, então eu vim em um trânsito incrível. Eu vim de Botafogo e hoje estava especialmente difícil de chegar, mas eu vim tranquilo porque eu falei: o Fernando está lá e ele é um cara que tem uma capacidade de intermediação enorme e eu estou muito bem representado por ele em qualquer eventualidade.

Eu não sei exatamente o que vocês conversaram, mais de todo modo eu quero saber duas coisas: primeiro é se alguém tem alguma pergunta para fazer e depois se o Luis Carlinhos quer disser algo que não disse.

Pergunta da plateia (Daniel)

Eu gostaria de saber se o Luis Carlinhos tem alguma sugestão para um jovem compositor, como eu por exemplo?

Luis

Eu acho que é isso, um pouco do que eu falei que é acreditar no que você está ali trazendo enquanto texto, enquanto discurso melódico, enquanto ao sentido. Eu falei de leitura de aura aqui, mas o curso que eu fiz era “aura no rumo das artes”, eu falei lá que a sorte foi ter colocado “artes” no nome do curso senão, eu não viria. Eu entendi assim que leitura de auras e artes é a mesma coisa, quando a gente está lendo a aura está vendo as imagens, você traz as imagens e começa a acreditar nelas, começa a falar sobre elas, cada vez mais começa a fazer sentido aquelas imagens. Isso é a mesma coisa com a música, é a mesma coisa com o pintor.

Quando eu falo sentido, não é o sentido fôrmico, figurativo é no sentido que aquilo é bonito, aquilo é bom, aquilo tem impacto estético, então com a música é a mesma coisa e se faz sentido com a levada, senão, a letra aperfeiçoa, trabalha, cria uma história, pensa na melodia, grava, ouve.

Eu acho que a principal coisa está nessa fé que você coloca, você acreditar que aquilo é bom. Se você não se achar bonito, como é que o papagaio vai passar na passarela, você tem que se achar bonito. Se você gostou mostra, toca ela, grava ela e vê como ela soa para as pessoas e ganha-se segurança. É como a leitura de aura, você valida para mim: poxa, o que você disse faz o maior sentido para mim. Você pensa: porra! Eu vou ler mais. A leitura de aura eu estou dando só como um exemplo metafórico para a minha arte. Então assim, acredita na parada. Eu acreditei. Quando eu fiz “Oh, chuva”, quando eu fiz “Toró”, depois que eu gravei, eu pensei: será que isso é bom? Então, eu peguei toquei em uma festa e quando eu vi as pessoas falando que era bom eu disse: isso é bom mesmo. Eu vou continuar.

Pergunta da plateia (Gabriela)

Eu não sou uma pessoa que vou a escolas de música e tal, eu não tenho muito contato. Eu uso as redes sociais e faço contato com as pessoas e isso não é tão simples assim. A minha pergunta é basicamente, o artista, como vocês por exemplo, tem uma história já independente de ser músico ou não isso a gente vai construindo ao longo do tempo, o esforço faz parte de qualquer profissão, eu fico pensando aqui, eu recentemente resolvi começar a mostrar e eu fico com uma questão de será que eu que não sou do meio é um abuso chegar para um artista, para um cara que já tem toda uma história e chegar e falar: oi, tudo bem, eu tenho uma música.

Eu queria saber se isso é uma forçassão de colocar os carros na frente dos bois e eu teria que me conformar com o estágio em que eu estou ou se não, se não é invasão eu chegar e entregar uma letra minha.

Edu

Eu acho que isso é extremamente necessário de você mostrar para pessoas que possam dar um direcionamento para o seu trabalho, para estabelecer uma parceria ou até gravar a canção. Eu acho que depende muito da maneira como você mostra e sobretudo você ter essa percepção do quão adequado está sendo o teu gesto. Por exemplo: tem gente que me manda, gente que eu nunca vi e nem sei quem é, pela

minha página do Facebook, através do inbox, uma gravação de uma música, um compositor. Isso acontece com frequência. Para o cara fazer isso, o que ele tem que sacar? O que eu sempre fiz e acredito que o Luis Carlinhos e as pessoas que conseguem um certo êxito. Você tem que mostrar primeiro uma coisa, que você acha que vai ter a ver com o cara, mas sem ser banal. Por exemplo: não é porque o Paulinho Moska fez uma música “meu amor o que você faria se só te restasse um dia”, que você vai mostrar para ele uma coisa parecida com aquilo, porque ele vai ouvi aquilo e vai falar: poxa. Eu já fiz mais legal. Por quê eu já fiz mais legal? Porque fui eu quem fiz. Então se eu que fiz eu acho a minha mais legal. Você fez a tua e vai achar ela mais legal. Então evitar primeiro mostrar uma coisa que tenha algo de comparativo com o trabalho de quem você está se aproximando. Certo?

É muito mais interessante, talvez, você mostrar para o Paulinho Moska uma música que não tenha nada a ver com o universo dele, porque talvez aquilo vá instigar nele uma percepção diferenciada do que você faz e ele vai até querer trocar uma ideia. A primeira coisa eu acho que é isso: evitar algo que já seja absolutamente trivial para aquele compositor. Porque o cara vai falar: aquilo que ele está me mostrando eu já fiz. Não tem novidade para mim. Eu acho que esse é o primeiro passo.

Outra coisa é o seguinte, se você mostrar uma música ou uma letra, você tem que dá o tiro, é como se você tivesse o direito de dar um tiro só, porque a segunda bala o cara não vai nem querer ouvir o estampido, então um cara um dia me mostrou um samba pelo meu inbox, do Facebook, talvez pelo fato de eu já ter samba gravado com a Maria Rita, pela Tereza Cristina, pelo Casuarina, eu acho que ele pensou: vou mostrar um samba para o Edu porque o lance dele é samba. Ele já começou, no meu modo de ver, pecando nisso. Se ele me mostrasse uma valsa, se ele me mostrasse um pop, um rock, um heavy metal, provavelmente eu iria escutar com mais atenção porque o que é mais um samba na minha vida? Eu escutei, achei legal, bacana.

Ai entra a outra coisa de que você não pode ter a expectativa que aquilo que você vai mostrar para qualquer pessoa que seja, que a pessoa vai falar: Para tudo! Me dá o seu telefone. Eu preciso e quero falar com você hoje. Não vai acontecer isso com você nunca. Por melhor que seja a letra que você mandar, o compositor, o artista ou o músico que vai receber, ele sempre vai ver com um certo olhar crítico, com uma percepção crítica, uma percepção de quem é técnico no assunto. Então é muito difícil você ser um gênio a ponto de mostrar uma coisa que vai arrebatá quando você mandar para aquele inbox, da Adriana Calcanhoto, que vai arrebatá a vida dela. Você não pode ter essa esperança, essa expectativa. Você está apenas mostrando algo que é legítimo, que é honesto, que é verdadeiro e é seu, mas não espere uma reação que vai mudar a sua vida e nem a dela.

Voltando ao cara que me mandou o samba. Eu respondi que legal, bacana e depois disso ele me mandou mais 17. Todo dia. Na primeira eu respondi: legal, nas seguintes eu já mandava só o sinal de “joinha”, até que eu parei de responder, porque o cara se tornou um chato. Porque ele não pode imaginar que eu estava ficando tão arrebatado pelo que ele está me mostrando a ponto de ouvir 17 músicas. Depois disso eu parei de responder, pensando: nossa, esse cara está muito entusiasmado e ele tem que maneirar. Depois ele começou a mandar: aqui vai uma melodia para ver se você coloca uma letra, aqui vai uma letra para ver se você coloca uma melodia. Eu não conheço o cara, nunca tomei um chopp com ele, nunca me encontrei com ele, a gente nunca falou de futebol, nunca falou besteira. Eu não posso ser parceiro assim, sem ter

uma mínima intimidade. Então, eu acho que mostrar é uma obrigação sua, se você não mostrar, provavelmente, você está sendo egoísta. Porque você está guardando para você algo que é muito importante e é muito verdadeiro, eu acho que é uma obrigação da gente que faz mostrar, mas esse mostrar tem que ter um critério e que o bom senso é que determina. Você abordar um artista depois do show e entregar um CD é uma coisa, agora você abordar o artista depois do show e falar: poxa Marisa Monte, esse aqui é meu trabalho, deixa eu te mostrar. Você abre, tira o encarte e fala: essa aqui a faixa três e começa a contar a história da letra. Ela pega e fala: tá bom querida, mas ela nem quer mais ouvir, porque já achou tão chato só pela maneira como você abordou.

Luis

Eu me lembrei de uma, sem citar nomes, um cara estava em um hotel e encontrou Criolo no café da manhã, pegou o violão e tocou várias músicas que falam de São Paulo. Não é assim que funciona.

Edu

O nome do disco do Criolo é “Não existe amor em SP”. O cara faz uma música sobre São Paulo e acredita que o Criolo, enquanto está comendo ovos mexidos, vai querer ouvir música sobre São Paulo. Eu acho, por incrível que pareça, o universo está cheio desse tipo de abordagem.

Eu fui em um show do Paulinho Moska, no Circo Voador, e depois ele recebeu todo mundo. Tinha umas 300 pessoas para falar com ele no camarim e ele recebeu um por um. Teve um cara ansioso que chegou, imagina o Paulinho de banho tomado, com aquela energia depois do show, cansado, a cabeça fica completamente enlouquecida, recebendo pessoas que ele nunca viu e o sujeito começou a dizer para ele a letra. O Paulinho falou para ele parar e disse: eu acabei de tocar, eu estou em outra vibe e agora eu só quero abraço, uma palavra, eu quero leveza. O universo musical está cheio de abordagens inadequadas e isso é compreensível porque as vezes é o teu momento que você esperou tanto tempo chegar e entregar o seu trabalho para alguém e a possibilidade de você fazer de uma forma inadequada é muito grande. O bom senso é que vai determinar a tua forma de mostrar o seu trabalho. Agora, hierarquia, ultrapassar limites, nada disso existe. Você tem que mostrar. Você é obrigada a mostrar, se você não mostrar é a maior sacanagem. Não guarda para sim, mostra mas tem que ter essa percepção do modo.

Luis

É isso. Você tem de estar nos lugares, procurar, sentir as pessoas, ouvir os feedbacks para poder investir mais. Eu acho que você tem toda essa capacidade, eu vejo aqui a sua aura e vejo que está tudo reluzente.

Edu

Nada do que eu falei se aplica a você, não me entenda mal, porque eu não te conheço e nem sei como você mostra. Eu só estou dando exemplos, que eu já vi, de abordagens inadequadas, não que eu estou falando que é o seu caso, pelo contrário, a tua própria pergunta já demonstra que você tem uma certa preocupação e um bom senso.

Luis

Isso tem a ver também com maturidade, quando a gente era mais jovem a gente tem essas manias. Eu acho que nunca fui inconveniente, mas tinha uma ansiedade. Até o meu primeiro disco solo, eu ia com o disco nos lugares e depois eu fui percebendo também que tem a hora de entregar o disco, vai chegar se tiver que chegar, é muito sutil essa linha de você querer forçar. Eu lembro que quando eu chegava nos hotéis, eu colocava o meu som em todos os hotéis, eu chegava e falava com o gerente e o meu som tocava em todos. Era demais. Mas eu acho que é isso, você tem que chegar e mostrar, para poder desenvolver isso. O Seu Jorge por exemplo era muito fominha, nos palcos da gente ele subia, era muito inconveniente, hoje ele é um cara que é amado e odiado. Então tudo tem o seu preço e isso depende de como você se coloca. Ele é um gênio.

Edu

O que eu acho bacana quando você fizer alguma coisa para um artista. Se você faz e manda para a Mart'nália uma letra ou uma melodia que você acha a cara da Mart'nália a probabilidade dela gravar é perto de zero. Porque o intérprete ou o compositor ou o artista de modo geral quer ser surpreendido pelo que chega até ele. Então é muito mais provável que você obtenha êxito se você mostrar para a Marisa Monte uma música que tenha a cara da Angela Ro Ro, porque isso vai instigar quem está ouvindo. Se você manda para Ana Carolina uma música que é a cara da Ana Carolina, ela vai ouvir e vai falar: para que eu vou gravar isso de novo? Isso eu já gravei 500 vezes e eu não quero mais gravar isso. Eu posso falar isso porque a gente já tem um tempo trabalhando e ela recebe muito material e quando ouve ela fala: nossa, isso é quase alguém imitando o meu jeito de compor na época do disco "Estampado" e está querendo que eu grave um negócio que eu já fiz. Não tem sentido.

Então, é muito mais legal que quando você mande algo para alguém, você esqueça o estilo daquela pessoa. Vou mandar uma música para a Mart'nália que é a cara dela, mas vai ser mais uma do mesmo, mas se você manda para uma Marisa Monte, ela vai pensar: eu nunca gravei uma coisa dessa, é uma coisa meia Mart'nália, meio esquisita, eu acho que vai ficar legal se eu colocar uma harpa e um sintetizador fazendo um som de oboé pode ficar legal. Ela pega aquilo e descontrói.

O artista as vezes ele tem o hábito de se achar chato, muitas vezes eu me acho chato, o Luis Carlinhos muitas vezes deve se achar chato. Quando você começa a compor, você começa a pensar: não aguento mais fazer de novo isso e você manda um troço que a gente já acha chato na gente, eu acho que perde o elemento surpresa, porque o artista gosta de se sentir desafiado.

Pergunta da plateia

Você falou do achar chato por fazer aquilo várias vezes e parece que você percebe que há um padrão nas suas composições e você procura evitar isso de alguma forma. Eu queria saber dos dois como é que se dá com vocês a parte da composição. Vocês chegam a um ponto que falam: eu não tenho como escrever essa música de uma forma que eu já não tenha feito. Como é que você via pensar agora, o que você vai procurar, quais os instrumentos que você vai construir, para contar aquela música de uma forma diferente do que você realmente constrói?

Luis

Uma maneira é você buscar outra maneira. O violão as vezes engessa um pouco o processo da composição, as vezes você cantarolar a música sem esse instrumento harmônico que vai trilhar você para um caminho harmônico, pode ser um bom caminho. Ao mesmo tempo, eu também acho interessante essa coisa da verticalização do próprio estilo. O Djavan é um cara que se repete, que tem uma linguagem própria. O próprio Lenine é um cara que tem um certo modo de fazer e agora ele começou a se reinventar mais largando o violão em estúdio, fazendo uns discos mais maquinários, onde o violão é reposicionado.

Edu

As parcerias eu acho que são o pulo do gato também. Tem momentos em que a busca pelo parceiro é fundamental porque você percebe que se continuar nesse processo criativo você não vai conseguir fugir daquele lugar comum e já não te emociona tão forte, busca um parceiro, liga para o parceiro e fala que tem uma ideia. O que o teu parceiro vai acrescentar é que vai dar esse diferencial que vai arejar esse trabalho. Eu demorei muitos anos para encontrar e buscar parcerias porque os primeiros anos de composição eu queria colocar para fora as minhas ideias, buscar o estilo, me construir como compositor e então chegou um momento em que eu precisei de uma parceria, porque eu iria ficar dando volta em círculos, que podem ser mais amplos, com um diâmetro maior ou pode ser um círculo mais estreito.

O Jorge Ben Jor, ele tem um círculo de variedades estreitíssimas. Ele sempre vai pelo mesmo caminho. Eu me lembro quando ele fez parcerias com Toquinho, ele fez "Que maravilha", o Toquinho levou para ele um lirismo que o Jorge Bem não costuma ter na melodia. A busca pelo parceiro para variar também esses caminhos é muito importante.